

**QUADRINHOS ERÓTICOS NA ERA DIGITAL: O PROTAGONISMO
FEMININO E O MALE GAZE**

Daniela dos Santos Domingues Marino
Danielle Costa Lhoret
Laluña Gusmão Machado

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Brasil

RESUMO

A internet tem afetado, de forma significativa, todas as produções culturais e isso inclui também as histórias em quadrinhos. Se nas décadas de 1980 e 1990 nomes como Manara, Crepax, Serpieri eram expoentes do gênero erótico, com o advento da internet passamos a ter acesso não só às mais diversas obras, como também a discursos que se opõem à forma como as mulheres foram sempre retratadas por esses artistas. Assim, algumas narrativas que chegam a nosso conhecimento, subvertem o gênero ao colocarem as mulheres como protagonistas dos atos sexuais representados nos quadrinhos, ou seja, alterando a perspectiva masculina da narrativa, ou o “male gaze”, para uma história com foco no prazer feminino. Mesmo que tratar a sexualidade feminina possa ainda ser um tabu, a genealogia do conceito de erotismo aponta para o fato de que a moral em relação à representação do sexo em produções artísticas é afetada não só pelo contexto histórico, como também pelas convenções sociais vigentes em culturas diferentes. Portanto, entender essa trajetória por meio dos apontamentos de Nietzsche (1991), Foucault (1977), Freud (1924) e Roudinesco (2008), se faz necessário para apontar de que forma as mudanças sociais e tecnológicas afetam a representação feminina nos quadrinhos eróticos.

PALAVRAS-CHAVE: Quadrinhos Eróticos; Protagonismo feminino; Male Gaze.

1. INTRODUÇÃO

A palavra pornografia, etimologicamente, tem sua origem no grego πορνογραφησ(pornográphos) aquele que escreve sobre o sexo ilícito praticado pelas πορνη (pórne) prostitutas. Partindo dessa perspectiva, observa-se que o corpo feminino, desde os idos da sociedade, é um capital cultural e o olhar que ele recebe, invariavelmente,

é perverso, estando ligado a um discurso que privilegia não só as práticas sociais como também as questões relativas ao amor venal, sendo transposto, em nossos dias, para abarcar as questões relativas à *representação do ato sexual, sendo destinado à chocar, provocar, ferir e horrorizar*, como pode ser observado em Julia Kristeva¹, além de ser transposto como um objeto de pulsões inconscientes, segundo Freud.

O século XX traz em sua esteira uma mudança na forma de olhar esse corpo subversivo: altamente sexuado, conheceu uma superexposição excessiva. Michel Foucault em seu livro, *A História da Sexualidade*, no diz:

(...) Se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar em outro lugar: que incomodem lá onde possam ser reinscritas, senão nos circuitos de produção, pelo menos nos do lucro. O rendez-vous e a casa de saúde serão tais lugares de tolerância: a prostituta, o cliente, o rufião, o psiquiatra e a sua histérica (...) parecem ter feito passar, de maneira sub-reptícia, o prazer a que não se alude para a ordem das coisas que se contam; as palavras, os gestos, estão autorizados em surdina, trocam-se nesses lugares a preço alto. Somente aí o sexo selvagem teria direito a algumas formas do real, mas bem insularizadas, e a tipos de discurso clandestinos, circunscritos, codificados. Fora desses lugares, o puritanismo moderno teria imposto seu tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo. (FOUCAULT, 1999, p. 9-10)

É possível, então, perceber que a sexualidade, a partir do século XIX, perdeu toda e qualquer possível “inocência”. As manifestações de desejo deveriam ser suprimidas dos meios sociais, gerando pulsões de perversidade que levariam ao recrudescimento dos prostíbulos, dos antros de ópio, escondidos nos escombros da cidade, onde a alta sociedade poderia dar vazão aos impulsos proibidos e a plebe os serviria, mantendo, desta forma, o rigor social da moral e dos bons costumes do período Vitoriano.

Neste período, tornou-se mais evidente, também, a questão da prostituição masculina. Ao se estabelecer uma moralidade sexual, que reprimiria os comportamentos, acabou-se por resgatar a questão da pederastia e da pedofilia, tornando-as mais evidentes. Paralelamente, o mercado da pornografia cresceu. Se antes ele se escondia nos grandes

¹ Pouvoirs de l'horreur: essai sur l'abjection¹. Paris, Seuil, 1980.

centros urbanos, a partir da era vitoriana com a publicação dos *Yellow Books*², a pornografia tornou-se um mercado profícuo, principalmente se levarmos em consideração que Oscar Wilde, efetivamente o primeiro homem público da época vitoriana a ser preso sob a acusação de pederastia, tinha em seu poder um exemplar deles. Além dele, Guillaume Apollinaire, sob anonimato, escreveu *As onze mil virgens*. No Brasil, no mesmo período, havia um mercado voltado para o romance pornográfico, os *Romances de Sensação*, que vinham marcados como *Romances para Homens*, tendo como pano de fundo narrativas picantes e obscenas, que traziam como enredo traições, homossexualidade feminina, incesto, fetiches dos mais variados e, até mesmo, sexo convencional. Um dos títulos de maior sucesso do período, escrito por um certo ***(três asteriscos) *Amar, gozar, morrer* foi um *best seller* do período.

Susan Sontag, em *A imaginação Pornográfica*, procurou tecer uma reflexão sobre a literatura e sua relação com a pornografia e nos diz que:

Existe um consenso quase unânime sobre o que a pornografia é – sendo identificada com noções sobre as fontes do impulso de produção e consumo desses curiosos bens. Quando enfocada como um tema para análise psicológica, a pornografia raramente é vista como mais interessante que textos que ilustram uma interrupção deplorável no desenvolvimento sexual do adulto normal. (SONTAG, 1987, p. 4)

Em nosso tempo, a pornografia deixou de ser algo totalmente excluído como um fator corruptor. Hoje há a sua glamorização: tanto a TV a cabo como a TV aberta nos mostram programas que vão desde a chamada pornografia leve, como cenas de telenovelas, a filmes e até programas voltados ao segmento que trabalha com produtos de cunho altamente sexual. Pode-se perceber, então, que de um fator de “corrupção” social, ela passou a ser fonte de exploração midiática e de consumo, mas forte e mais aberta do que em qualquer outro momento da história. Há na formação de seu discurso a desconstrução dos velhos paradigmas: se a pornografia, em uma sociedade pós-moderna, tornou-se uma mercadoria, por que não vendê-la abertamente?

² Também conhecidos como *Yellow Nineties*, era uma publicação Britânica produzida entre 1894 e 1897 que trazia diversos estilos de produções artísticas, como ilustrações, poesias, contos e ensaios, contendo inclusive histórias eróticas. O amarelo de suas capas se referia ao ilícito da publicação.

Por conta dessa nova “mentalidade” o mercado tem trazido à luz cada vez mais títulos relacionados a esse tema: de texto literários de ficção a textos acadêmicos e teóricos analisando o comportamento da sociedade sob à luz das pulsões de perversidades inerentes aos produtos pornográficos. Exemplo disso pode ser visto em roupas cada vez mais inspiradas no sado-masoquismo, que exploram o universo criado pelo Marques de Sade e Sacher-Masoch, que em suas obras exploraram a questão da sexualidade crua, exposta a manifestações de crueldade e prazer.

Neste cenário de novos paradigmas de comportamento, um dos meios de produção literária, que durante anos foi considerado propriedade dos meios jornalísticos, as histórias em quadrinhos, ou como são chamadas por Will Eisner, as Narrativas Gráficas, vêm abordando, cada vez mais, assuntos ligados aos problemas, angústias e desejos dos adultos, ampliando sua base de consumo, antes restritas às tiras dos jornais de domingo e as revistas infantis.

2. PORNOGRAFIA, EROTISMO E MORAL

Ainda que o advento da internet tenha propiciado que os discursos que antes eram silenciados possam ser propagados sem uma edição ou censura prévia, isso não significa que eles não estejam sujeitos a algum tipo de julgamento moral.

Como sabemos, os valores morais, inerentes a cada cultura, variam de acordo com o contexto e a época onde estão inseridos. Se hoje é possível que mais mulheres abordem temas relacionados à sexualidade sem medo de serem presas por isso, é porque a moral vigente não é a mesma que operava há algumas décadas. Isso porque, “em cada época, as sociedades leram o pornográfico com maior ou menor rigor, com maior ou menor teor moral, com mais ou menos ênfase no sexual (SANTANA, 2014, p. 21).

Nesse sentido, Nietzsche e Freud concordam que a moral atuaria como uma espécie de freio para a concretização de certos impulsos que são naturais, ou seja, ela teria o papel de nos castrar e de restringir nossas ações mais instintivas:

A moral antinatural, ou seja, quase todas as morais que foram até aqui ensinadas, honradas e pregadas, remete-se, de modo inverso, exatamente contra os instintos vitais. Ela é uma condenação ora secreta, ora

tonitruante e insolente destes instintos. No que ela diz ‘Deus observa os corações’, ela diz Não aos desejos vitais mais baixos e mais elevados, tomando Deus como Inimigo da Vida... O santo, junto ao qual Deus sente prazer, é um castrado ideal... A vida chega ao fim, onde o “Reino de Deus” começa. (NIETZSCHE, 2017, p.4)

Esse juízo de valor atribuído à moral por Nietzsche, Freud e outros teóricos também é capaz de moldar a relação que temos com a pornografia e o erotismo, fazendo com que uma distinção entres esses dois termos seja complexa. No senso comum, há uma percepção de que a pornografia estaria ligada a uma representação mais explícita do ato sexual, enquanto o erotismo apenas insinuaria, faria menção ao ato sem si, mas sem representações gráficas. Para Santana (2014),

pelo senso comum, a diferenciação mais corrente entende que a pornografia tem sexo explícito enquanto que, nos filmes (revistas, produtos, narrativas) eróticos, o sexo estaria implícito à situação. É interessante notar que, mesmo no que diz respeito às artes, existe uma forte pressão normativa na separação entre os campos: se existe o sexo evidente é pornográfico e, portanto, imoral e condenável. O “erótico” se presta, justamente, a cobrir de uma certa leveza o impulso sexual, vestindo as práticas e/ou discussões sobre o sexo com um manto de sugestão. (SANTANA, 2014, p23)

Para muitos dos teóricos que estudam a produção pornográfica “o que pauta a diferenciação entre os termos são critérios de caráter moral, julgamentos de valor ou juízo crítico de cada indivíduo” (SANTANA, 2014, p. 22):

Existe uma variedade de possibilidades semânticas que dificultam o ato de demarcar os significados acerca do que vem a ser considerado pornográfico. Palavras como erotismo, vulgaridade, obscenidade e sexo explícito são utilizadas, frequentemente, como sinônimos, a depender de juízos e avaliações sobre comportamentos morais. Erótico é o termo que mais acompanha o pornográfico. Na literatura sobre o tema, existe uma grande discussão acerca do correto uso dos termos, com defesas tanto da distinção total quanto da concepção de que tal diferenciação não existe ou não é necessária. (SANTANA, 2014, p. 4)

Ou seja, a própria “valoração de um ato moral requer uma pré-compreensão do que é moral” (OLIVEIRA, 2010, p.170), afinal, ainda de acordo com Oliveira (2010), avaliar a moralidade das ações é já ter disponível uma compreensão do valor.

Tendo em mente a concepção de Gramsci sobre hegemonia cultural, onde uma minoria dominante seria responsável pela propagação de valores de acordo com sua concepção do que seria ou não um comportamento aceitável, sabemos que essa minoria sempre foi composta, majoritariamente, por homens brancos heterossexuais e de classe média, com é facilmente observável em todas as áreas da produção humana, principalmente na Literatura.

Isso significa dizer que por muito tempo, toda concepção de certo e errado, nos foi passada a partir da perspectiva desses homens como se seus valores fossem universais e contemplassem todos os seres humanos e que, no que tange à representação feminina em todas as produções, sempre atendeu a uma lógica masculina do que seria lisonjeiro para uma mulher.

O que a internet e o avanço dos movimentos sociais têm propiciado, entre eles o Feminismo, é que as mulheres que não se identificavam ou não se enxergavam nessas produções, pudessem ter acesso a meios de publicar suas próprias narrativas e criticar obras que não lhes agradam.

Em relação aos quadrinhos, principalmente aos eróticos, é equivocado crer que mulheres não consomem este tipo de material e que por isso, não haveria necessidade de adequar qualquer publicação ao gosto feminino. De acordo com Boff (2014), mesmo nas publicações que não são tidas como eróticas, como os quadrinhos de super-heróis, o papel da mulher nas narrativas sempre foi sexualizado, sempre voltado ao olhar masculino, ainda que saibamos hoje que o número de mulheres que consomem histórias em quadrinhos de todos os gêneros não pare de crescer³.

Na indústria pornográfica não é diferente: De acordo com uma pesquisa encomendada por sites de pornografia na internet, as brasileiras estão entre as maiores consumidoras de vídeos de páginas como *Pornhub* e *Redtube*⁴. Para Santana (2014),

O crescimento do público consumidor feminino no universo pornô chamou a atenção de produtores deste gênero fílmico para a necessidade de criar novas narrativas que atendessem a este mercado específico. Nesta

³ <http://ladyscomics.com.br/mulheres-leem-hqs-tanto-ou-mais-que-os-homens>

⁴ <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/08/mulheres-brasileiras-sao-as-que-mais-veem-pornografia-diz-pesquisa.html>

perspectiva, abriu-se um novo nicho: a pornografia feita para mulheres, na sua maioria também produzida e dirigida por mulheres, autointitulada “pornografia feminista”. Diretoras desta linha apontam que seus filmes são diferentes por buscarem a igualdade da importância do prazer de todos os envolvidos no ato, sejam homens ou mulheres, e pelas diferenciações na estética e nos roteiros, e que procuram criar situações em que as mulheres possam se perceber como protagonistas e não apenas coadjuvantes. O objetivo destas produções é, segundo as próprias diretoras, mostrar o ato sexual com mais respeito às mulheres. (SANTANA, 2014, p.12)

Seguindo a mesma lógica da indústria pornográfica, os quadrinhos eróticos de Milo Manara, Guido Crepax e Paolo Serpieri, por exemplo, ainda que suas produções também agradem uma parcela significativa do público feminino, privilegiam o olhar masculino sobre o corpo da mulher, algo que vem mudando não só com um maior número de mulheres publicando quadrinhos, mas também em produções masculinas que visam aumentar o protagonismo feminino em suas histórias.

3. PROTAGONISMO FEMININO E O MALE GAZE

A mudança no papel da mulher nas histórias em quadrinhos eróticas, principalmente nas que são produzidas por homens, não necessariamente as coloca em um lugar de protagonismo ou de representação feminina que agrade a todas as mulheres, mesmo porque, nenhuma história deveria ter essa intenção. Para Boff,

a categoria *mulher* nem sempre representa os interesses de todas as mulheres. Também a presença de algumas mulheres nos lugares ocupados pelo poder não significa necessariamente a existência, nesses locais de poder, de uma *ideologia* que reivindique ampliações de possibilidades políticas e igualitárias para as mulheres. Uma mulher, apesar de naturalmente representar o sexo feminino, não necessariamente representa os interesses políticos/sociais/ideológicos/ de outras mulheres. Nesse sentido também se desfaz a associação natural entre o *feminino* e o *interesse das mulheres*. (BOFF, 2014, p.36)

Nesse sentido, é possível observar que enquanto algumas quadrinistas buscam tratar questões ligadas à sexualidade como uma forma de articular politicamente suas convicções, outras buscam dar vazão a fantasias e usam a pornografia como uma forma de trazer humor a um tema que ainda é tabu.

Independentemente das intenções dessas artistas, é válido observar que elas apresentam uma perspectiva feminina do que seria o prazer sexual, algo que não costuma ser levado em consideração em publicações masculinas que muitas vezes fetichizam o abuso sexual contra mulheres, como é o caso de *Justine*, obra de Sade que foi quadrinizada por Crepax, onde a personagem principal não faz outra coisa a não ser sofrer toda sorte de abusos e violências nas mãos de homens e mulheres.

A imagem abaixo (figura 1), quando procurada no *Google* vem acompanhada das legendas “hot” (quente em inglês) e “romance”, indicando o tipo de associação que é feita a uma cena onde uma mulher está sendo ameaçada por um homem, o que poderia indicar uma naturalização da violência ou uma forma catártica de lidar com uma violência. Dentro das possíveis análises sobre essas associações, Braga (2106, p. 148-153) defende que considerando o alcance que a produção de massa tem, ela seria também responsável pela manutenção e perpetuação de valores morais vigentes, o que em uma sociedade cujos valores representam os ideais de um pequeno grupo dominante, isso significaria a perpetuação de valores que podem ser nocivos a certos grupos cujas representações nas histórias em quadrinhos é pejorativa.



Fig. 1 - Milo Manara. Fonte: Pinterest

Assim, esses enquadramentos e perspectivas do olhar masculino do que seria lisonjeiro ou prazeroso para uma mulher, são conhecidos como *Male Gaze* ou olhar predador:

Laura Mulvey desenvolveu o conceito de male gaze quando, ao fazer a distinção analítica entre emissão e recepção, analisou o espectador ideal, argumentando que as imagens oferecidas por Hollywood tinham o objetivo de fomentar o prazer visual masculino, que ela “interpreta com os paradigmas da psicanálise, incluindo scopophilia e voyeurismo” O conceito de gaze tem, fundamentalmente, a ver com a relação entre o prazer e as imagens. Male gaze é aqui desenvolvido no sentido do poder de quem olha e do desapossamento de quem é olhado, salientando-se igualmente a dimensão do olhar colonizador. (CRUZ, 2010, p. 72)

Em um de seus portfólios eróticos, Manara apresenta uma imagem que pode ser encontrada sob o nome de “Festa da garrafa na sala de Champagne”⁵. A imagem, extremamente gráfica, mostra o estupro de uma mulher por vários homens que a penetram com uma garrafa de Champagne, o que, mais uma vez, ao consideramos o tipo de legenda atribuída a ela, reforça a ideia de uma glamourização da violência contra a mulher.

No entanto, esse tipo de representação, violenta e fetichizada, é questionada em produções eróticas produzidas por mulheres, como ocorre em *Primeiras Vezes*, roteirizada pela francesa Sibylline, e cuja uma das histórias traz uma crítica ao comportamento sexual violento de muitos homens ao ser narrada em primeira pessoa na perspectiva de uma boneca inflável⁶.

Lançada no Brasil pela editora *Nemo*, em 2015, *Primeiras Vezes* foi ilustrada por diversos artistas, homens e mulheres, com uma narrativa focada na perspectiva feminina sobre 10 primeiras experiências sexuais, entre elas, a primeira vez em uma *sex shop*, a primeira experiência lésbica, a primeira ida a uma casa de swing...

Entre as publicações que tratam a sexualidade feminina como uma forma de questionar a moral vigente, que é heteronormativa, podemos citar Gabriela Masson⁷,

⁵ <http://www.erosblog.com/2014/07/15/champagne-room-bottle-party/>

⁶ <http://minasnerds.com.br/2016/11/25/18-primeiras-vezes-essas-pessoas-sem-pudores-sao-bonitas/>

⁷ https://www.huffpostbrasil.com/2018/08/12/gabriela-masson-a-lovelove6-a-cartunista-que-retrata-a-sexualidade-feminina_a_23500794/

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

também conhecida como Lovelove6, autora de quadrinhos e fanzines com discurso feminista e engajado com a *Garota Siririca*⁸⁸. Com situações bem-humoradas, a autora também faz críticas à forma como o prazer feminino é cerceado e considerado tabu, levando sua personagem, viciada em masturbação, a explorar seu prazer das mais variadas formas (figura 2).



Fig. 2- Garota Siririca. Fonte: garotasiririca.com

Germana Viana, autora de *Lizzie Bordello e as Piratas do espaço*, já trazia em seus quadrinhos situações em que a sexualidade feminina é colocada como algo divertido, com histórias envolvendo dispositivos que causam orgasmos e relações que fogem do binarismo e da heteronormatividade das que consideradas padrão.

⁸⁸ <http://www.garotasiririca.com/>

5^{as} JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
22 a 24 de agosto de 2018
Escola de Comunicações e Artes da USP

Mais recentemente, Germana e se juntou a outras artistas como Camila Torrano e Roberta Cirne, para criar o *Gibi de Menininha*⁹, histórias de terror e sexo produzidas exclusivamente por mulheres (figura 3). Com financiamento via *Catarse*, a edição conta com várias perspectivas femininas acerca de temas que normalmente não são atribuídos às mulheres.



Fig. 3- Boneca de papel de Germana Viana para o Gibi de Menininha. Fonte: Catarse

Giovanna Casotto, desenhista italiana de quadrinhos eróticos usa a si mesma como referência para criar suas personagens. De acordo com ela, encontrar modelos para esse tipo de publicação não é tão fácil¹⁰. Mas quando questionada se haveria alguma relação entre o protagonismo feminino e o feminismo em suas histórias, ela afirma não ser feminista e que a identificação que as mulheres têm com sua obra se deve ao fato de que em suas narrativas são focadas no prazer feminino com bom humor¹¹. Em *Giovaníssima*, coletânea de histórias

⁹ https://www.catarse.me/gibi_de_menininha

¹⁰ <http://revistaogrito.com/critica-hq-giovanna-casotto-e-a-hq-erotica-de-um-ponto-de-vista-feminino/>

¹¹ <http://revistaogrito.com/critica-hq-giovanna-casotto-e-a-hq-erotica-de-um-ponto-de-vista-feminino/>

publicadas no Brasil pela Veneta em 2016, a autora afirma que suas histórias não são eróticas, são pornográficas, com “P” maiúsculo.

No Brasil, a coletânea *Spam*, publicada pela Zarabatana em 2015, tem duas histórias cômicas eróticas relacionadas ao tema da revista – spam -, desenhadas por Cíntia Bonacossa e Camila Torrano. A revista *Melaço*, lançada em 2018 de forma independente, é uma coletânea que aborda exclusivamente o amor entre mulheres, ainda que nem todas as histórias abordem sexo. Aline Lemos¹², que faz parte dessa coletânea, já havia publicado uma história em quadrinhos muda, a *Melindrosa*, que também aborda o amor lésbico.

Em 2018, Chairim Arrais publicou a revista *Red*¹³, história em quadrinhos erótica cuja personagem principal narra suas aventuras sexuais de forma aberta, sem preocupações com padrões morais que não a contemplam, indicando que busca explorar seu prazer como lhe convém, independentemente do gênero das pessoas com quem se relaciona (figura 4).



Fig. 4 - Red. Fonte: Minas Nerds

¹² <http://desalineada.tumblr.com/>

¹³ <http://minasnerds.com.br/2018/05/21/red-hq-erotica-produzida-por-brasileira-ta-tendo-18/>

Porém, a mudança na perspectiva narrativa com foco no protagonismo feminino nos quadrinhos eróticos não pode ser percebida apenas nas produções femininas. Demandas por melhor representação ou mesmo a vontade de agradar uma parcela de seu público leitor também geraram mudanças em produções masculinas. *Cornucópia*, de Brão, lançada de forma independente em 2015 tem sua narrativa totalmente centrada no desejo de uma mulher.

Já a *Tianinha*, de Laudo Ferreira, foi publicada na revista *Sexy* nos anos 2000, voltada para o público consumidor da revista, que era majoritariamente masculino. No entanto, em 2017 o autor voltou a publicá-la de forma independente e totalmente repaginada: Embora continue sendo uma personagem de quadrinhos eróticos, suas novas histórias focam na percepção do que muitas mulheres consideram sexualmente interessante.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vários fatores podem estar relacionados à maior visibilidade e interesse de mulheres pelos quadrinhos eróticos no Brasil e no mundo. Entre eles podemos citar o advento da internet, que propicia maior alcance das publicações femininas e mudanças sociais, alavancadas pela ascensão de movimentos sociais como o Feminismo, que permitem que mulheres se sintam mais à vontade para expressar suas percepções acerca de temas que ainda são vistos como tabu.

Entre as mudanças nas narrativas eróticas nos quadrinhos, o olhar “predador” ou o *male gaze*, que é uma perspectiva masculina e muitas vezes ofensiva do que seria lisonjeiro e prazeroso para uma mulher, tem dado espaço para publicações onde a perspectiva feminina sobre o ato sexual seja privilegiada.

Essas mudanças são significativas porque ajudam a quebrar paradigmas e a desmitificar a ideia de que mulheres não se sentem à vontade para falar sobre sexo ou de que feministas sejam moralistas. Isso porque, como apontado por Braga (2016), os quadrinhos são produtos de uma cultura de massa e cuja recepção e relevância seguem os moldes de outras produções artísticas, podendo ser responsáveis pela perpetuação de certos valores ou pela mudança deles.

Isso significa dizer que, os quadrinhos, por estarem inseridos em um contexto, podem refletir as mudanças sociais pelas quais uma determinada sociedade passa, nos dizendo muito sobre os valores morais vigentes em cada época.

As representações em produções eróticas, ao longo de décadas, têm sido nocivas para as mulheres em vários níveis, como apontado em documentários como *Embrace, Hot girls Wanted*, que demonstram como a exposição constante a parâmetros inalcançáveis de beleza e de performance sexual podem gerar frustrações irreversíveis tanto em homens como em mulheres, já que grande parte dessas produções apresenta situações de romantização da violência e perspectivas que objetificam as mulheres.

Assim, observar a produção de quadrinhos eróticos, principalmente os produzidos pelas mulheres, pode nos ajudar a interpretar certos fenômenos relacionados ao comportamento feminino, especialmente no que tange ao ato sexual, uma vez que, até há pouco tempo, toda nossa educação sexual se deu por meio dessas produções realizadas sem qualquer conexão com a realidade das mulheres.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Ediliane de Oliveira. **De Maria a Madalena**: representações femininas nas histórias em quadrinhos. 2014. Tese (Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-20052014-123753/pt-br.php>> Acesso em 18 ago 2018.
- COURTINE, Jean Jacques. A história do corpo. Vozes, Rio de Janeiro, 2008.
- CRUZ, Angélica Lima. O olhar predador: a arte e a violência do olhar. Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 89. 2010, p. 89-109. Disponível em:< <https://journals.openedition.org/rccs/3735?lang=en>> Acesso em 18 ago 2018.
- FOUCAULT, Michel. *A História da sexualidade, vol I. A vontade do saber*. Graal, Rio de Janeiro, 1990
- NIETZSCHE, F. Crepúsculo dos ídolos (ou como se filosofa com o martelo). Companhia de Bolso, São Paulo, 2017.
- SANTANA, Léa Menezes de. Tem pornô para mulher? Uma abordagem crítica da pornografia feminista. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Bahia, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18873>> Acesso em 16 ago 2018.
- SONTAG, Susan. “A imaginação pornográfica”. In: *A vontade radical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.